

Ano III - No. 92 - Cr\$1,00

Revista de Mulheres - 1953

Momento Feminino



ATIVIDADES FEMININAS

Uma Tarde Festiva em Uberlândia



ENTREGA DO PREMIO A MARIA FATIMA, VITORIOSA NUMA COMPETIÇÃO DE CORRIDA.

A ORGANIZAÇÃO FEMININA DE UBERLÂNDIA patrocinou um grande festival esportivo, realizado a 6 de janeiro próximo findo no «Estádio Nicolau Feres», em cujo portão de entrada a diretoria daquela organização esteve desde às 13 horas ajudando Papai Noel a distribuir balas e brinquedos. Jogos infantis — corridas, pau de sêbo etc. — e uma partida de futebol entre os times «Sã. Tropeiro F.B.» e «F. C. Floresta», com a vitória do último, fizeram a alegria da garotada. Um dos prêmios foi concedido a uma garotinha de 9 anos, que possuía, pela primeira vez, uma boneca. Os prêmios foram entregues no final dos jogos, pela Presidente e Secretária da Organização.

Nessa festa de alegria e confraternização, à qual as mães compareceram, levando 5, 6 e mais filhos, foi coroada pela nova representante de MOMENTO FEMININO, sra. Ana Gonçalves Tomazeli, a rainha da «Imprensa Feminina», srta. Milka Alves Pimenta, eleita com 2.800 votos, e que recebeu de presente um relógio de pulso e um exemplar de MOMENTO FEMININO, com uma dedicatória de agradecimento. Foi também presenteadas, com um corte de seda e um exemplar de nosso jornal, a srta. Aparecida Cruz, eleita princesa, com 1.000 votos.

Participou da festa o Dr. Paulo Teixeira, presidente do Conselho de Paz de Uberlândia, fazendo a entrega do diploma de campeã a D. Maria Alves Pimenta, que ultrapassou a coleta



Nossa representante em Uberlândia, Sra. Ana Gonçalves Tomazeli, entrega os prêmios a rainha da Imprensa Feminina, Srta. Milka Alves Pimentel

DIRETORIA DA UNIÃO FEMININA DE CADEIAS — Fundada em 16 de janeiro de 1951, a União Feminina de Cadeias, na Bahia, tem a seguinte diretoria, atualmente: D. Joana, d. Maria Agripina, d. Ricardina de Jesus, d. Maria Santana.

UNIÃO FEMININA ADE ALAGOINHAS (BAHIA) — Com sete associadas, além da direção, está funcionando uma nova organização feminina na cidade de Alagoinhas: presidente — d. Leticia Campos; secretária — Maria A. Cardoso e tesoureira — Dirmane O. Oliveira.



Papai Noel, entre a criançada que encheu o «Estádio Nicolau Feres» em Uberlândia, faz a chamada para a entrega de prêmios as crianças que se destacaram na coleta de assinaturas pela Paz

de 1.000 assinaturas por «Um Pacto de Paz». A d. Maria, que há 26 anos não via sua mãe, foi concedido o prêmio de uma viagem a Araxá, para visitá-la. Foram também distribuídos prêmios às crianças, dezenas de crianças, componentes dos grupos coletores de Vila Martins e Vila Operária, que coletaram centenas de assinaturas. E' comovente a participação das crianças mineiras na luta pela Paz, juntamente com suas mães. Os alunos da escola de alfabetização da Organização Feminina colheram 500 assinaturas, durante a semana da festa.

Podemos assegurar que essa festa foi uma grande vitória das mulheres de Uberlândia: alegria para as crianças, entusiasmo para aqueles conduzes entre sacrifícios e ameaças a luta pela Paz, esperança em dias onde a alegria e a paz morem em todos os lares de tôdas as crianças do mundo.

— x —

A diretoria da Organização Feminina de Uberlândia, Irmã Gouveia de Paiva Rezende, Ana Gonçalves Tomazeli, Perside Lionel Marques, Vitória Eugenia, Zulmira Garcia, Filomena Melazo e Terezinha Pimenta, MOMENTO FEMININO envia parabens e agradece a ajuda prestada à imprensa feminina.



CONFERENCIA DO PARANÁ — A Federação de Mulheres do Paraná realizou sua Conferencia Estadual com um amplo temário. Senhoras de destaque da sociedade assinaram o manifesto de convocação. Preparando a Conferencia, a Federação distribuiu milhares de volantes e cartazes, tirou o seu primeiro boletim, realizou um concerto musical e fez profusa divulgação pelo radio. Apesar da proibição policial e dos atos de violência do governo, mandando arancar cartazes e interditar

o local, a Conferencia foi realizada numa oficina gráfica, com a presença de numeroso público e muitas delegadas da capital e do interior. A reunião inaugural compareceram o vice-governador do Estado, vereadores, etc. A ordem foi perturbada pela policia, que espancou varias pessoas presentes. Mas, a Conferencia, graças à firmeza das mulheres do Paraná prosseguiu vitoriosa com a realização das sessões plenárias, aprovação de várias teses e renovação da diretoria.

MOMENTO FEMININO

Nosso bem mais precioso

Foi assinado no dia 15 de março, no Itamarati, um Acôrdo de assistência militar entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, acôrdo esse que é na realidade um tratado de guerra que ameaça a vida da juventude brasileira e a liberdade de nosso povo.

Ainda no preâmbulo do Acôrdo declara-se que o mesmo visa fazer que ambos os países «cooperem plenamente na tarefa de proporcionar forças armadas às Nações Unidas...» Assim, as mães brasileiras vêem que aumenta o perigo de se enviarem os 20.000 soldados brasileiros para a cruel e criminosa guerra da Coréia ou, pelo menos, os 2.000 marujos que ainda se encontram nos Estados Unidos, num dos dois cruzadores adquiridos pelo governo brasileiro.

As riquezas naturais de nosso país e seus «recursos humanos», como diz o parágrafo 2.º do Acôrdo, seriam mobilizadas para qualquer aventura guerreira, sob o nome de defesa de um «Mundo Livre», o que poria por terra a existência da ONU como organização mundial em defesa da paz entre os povos.

No artigo 1.º, como está dito: «Cada governo proporcionará ou continuará a proporcionar ao outr... os equipamentos, materiais, serviços ou outra espécie de assistência militar que seja autorizada pelo governo prestante, de acôrdo com os termos e condições a serem ajustados». Vemos então que existe o perigo de que as muitas bases que já estão ocupadas no Brasil por soldados e oficiais norte-americanos sejam multiplicadas em número e ampliadas, através de novas cláusulas, mantidas em segredo, como deixa prever o referido artigo.

O artigo VIII do Acôrdo trata da «cooperação técnica e financeira» entre os dois países «com o objetivo de aumentar a produção de materiais básicos e estratégicos e de fornecer uns aos outros materiais, produtos e serviços necessários à sua defesa comum». Aí está a intensão de intensificar a produção

de materiais necessários à preparação da guerra e a entrega de nossas riquezas minerais, principalmente o petróleo brasileiro, para fins de guerra, para o estrangeiro.

Vemos que a assinatura desse Acôrdo e sua execução, caso seja aprovado pelo Congresso Nacional, seria uma terrível ameaça sobre a vida dos jovens brasileiros, sobre o progresso de nossa Pátria — seria a entrega de nossas riquezas para aqueles que preparam uma nova carnificina mundial, seria a abolição das liberdades democráticas que ainda restam em nosso país.

Sabemos que esse perigo já é imediato. O sr. Getúlio Vargas acaba de promulgar o novo decreto que altera a lei do Serviço Militar, exigindo a prestação obrigatória do serviço militar dos 17 aos 45 anos, isto é, crianças, porque assim podemos cramá-los, de 17 anos, poderão ser enviados para a guerra. Diariamente, organizações militares de defesa das reivindicações de classe são vítimas de arbitrarias intervenções e seus diretores presos, como aconteceu com a Casa do Sargento do Brasil.

Como podem aceitar as mães brasileiras a assinatura de um acôrdo entre dois países que, ao invés de uní-los e estreitar sua amizade em prol de um futuro melhor, de paz para ambos, seja na realidade uma preparação para a morte de milhares de jovens vidas, e de mais miséria e sofrimento para os dois povos?

Não existe uma só mãe brasileira ou norte-americana que possa concordar com os termos desse criminoso acôrdo. Sabem protestar veementemente. E' preciso então que as vozes dos milhões de mães brasileiras façam derrotar no Congresso Nacional esse tratado de guerra.

AS MÃES BRASILEIRAS QUEREM PACTOS DE PAZ E NÃO ACÔRDOS DE GUERRA!

MONSTRUOSO CRIME CONTRA A HUMANIDADE

O CONSELHO MUNDIAL DA PAZ, acaba de denunciar a todos os povos do mundo, o novo e monstruoso crime cometido pelas tropas americanas que prosseguem na guerra de extermínio da população coreana e nas provocações seguidas contra a República Democrática Popular da China.

Trata-se da utilização da arma de extermínio em massa condenada por tôdas as convenções internacionais: a guerra bacteriológica, a mais covarde e desumano instrumento de guerra já inventado contra povos indefesos!

Dezenas e dezenas de aviões americanos, acobertados pela bandeira da ONU nessa luta inglória contra todo um povo que luta por sua soberania, lançam sobre as populações civis, indiscriminadamente, insetos infectos com germes do cólera, da peste bubônica e de outras moléstias infecciosas. Assim, disseminam por vastas áreas do território coreano e inclusive chinês, na Mandchúria, epidemia dessas moléstias, provocando a morte de milhares de mulheres e crianças indefesas e destruindo meios de subsistência, pela liquidação das plantações.

A FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES lança um apêlo à imediata repulsa de todas as mulheres, em todos os países, contra essa barbaridade, e chama-as à um protesto enérgico.

E' preciso que de todos os lados se façam ouvir vozes de condenação a esse crime monstruoso! E' preciso fazer cessar, imediatamente, essa sangria de mulheres e crianças inocentes, pondo fim a uma guerra de agressão, injusta e infame!

OS POVOS UNIDOS CONQUISTARÃO A PAZ PARA A CORÉIA E PARA TODO O MUNDO!

Hontem, como Hoje Defendemos Nossas Riquezas

21 de abril é uma data festiva para as crianças brasileiras. E' o dia em que as crianças do Brasil, o futuro de nossa Pátria, homenageiam a memoria que passou à História como o «martir da Independência», o homem que num movimento heroico e grande de patriotismo, desejou a liberdade para sua terra, defendeu com sua vida o direito do povo brasileiro guardar aquilo que obtinha com o suor do seu rosto, o tão cobijado OURO das Minas Gerais, que todos os anos, após muitos e muitos dias de sofrimento dos infelizes brasileiros, era enviado para a rica Metrópole, para o luxo e a ambição.

Essa ásia de liberdade, que enchia o coração de Tiradentes e de seus companheiros, esse desejo patriótico de guardar aquilo que nos pertencia, é o mesmo anseio que sempre existiu naqueles que almejam para nossa Pátria dias de progresso, de bem estar para todos os seus filhos, de felicidade nos lares.

Hoje, como ontem, nos tempos distantes de 1789, os ho-

men s do Brasil lutam pelos mesmos ideais de Tiradentes: é assim como não queriam que nosso ouro amarelo saísse do Brasil para Portugal, também não querem hoje que o ouro negro, nosso rico petróleo, saia daqui para outras terras, que ao invés de servir ao desenvolvimento econômico de nossa terra, sirva para preparativos de guerras criminosas.

Por isso se ergue hoje um grande movimento nacional em defesa de nosso petróleo e de nossos minérios estratégicos, que não deve sair do Brasil para as mãos dos grandes trustes e monopólios norte-americanos, que preparam uma nova guerra mundial. E que melhor homenagem se pode prestar à meória de Tiradentes, se não permanecer fieis a seu grande ideal: lutar pela completa libertação de nossa Pátria e defender até a morte nossas riquezas?

Esse é o compromisso que todo patriota, todo aquele que ama verdadeiramente sua terra, deve tomar a 21 de abril.

8 de Maio - Jornada Continental pela Paz

MOMENTO FEMININO

Página 3





Desenhos de LÊDA SÁ

Conto sueco de KARL GUNNAR (Traduzido de «A PAZ», revista mundial editada em 10 línguas).

Lá longe, no norte, onde faz um frio horrível e, durante o inverno, cai muita neve, existe um país chamado Suécia.

Ali, altas montanhas se debruçam por cima das nuvens e os bosques são tão grandes que são necessários muitos dias para atravessá-los.

Pois bem; num desses bosques viviam papai e mamãe urso com seus três filhinhos: Uma-Pata, Duas-Patas e Três-Patas. Chamavam-se assim porque, quando brincavam no bosque, Uma-Pata sempre fazia cabriolas sobre uma pata. Duas-Patas trotava sempre sobre duas patas e Três-Patas fazia piruetas sobre as três patas.

Durante todo o outono a família de ursos passou muito bem. O bosque estava cheio de frutos, podia-se comer à vontade; e quando se fartavam de frutos, cada urso podia conseguir uma boa medida de mel selvagem que se encontrava em toda parte, nas velhas colmeias. No outono é preciso que os ursos comam bastante, antes que caia a neve e que tenham de se encolher nas suas tocas, em alguma gruta ou sob um montão de folhas e ramos secos, onde dormem durante todo o inverno. Só despertam depois que o sol se aquece, quando começam a brotar as primeiras flores da primavera. Nossa família de ursos fez o mesmo que os outros.

Um dia, após ter comido a ponto de não poder engolir nem mais um bocado porque seu estômago não agüentava mais papai urso arrumou uma toca sob umas rochas e toda a família se instalou naquele lugar. Primeiro foi Uma-Pata, porque era o «caçulinha», depois Duas-Patas e em seguida, Três-Patas: mamãe-urso e papai-urso entraram por último. Papai-urso estava refestelado logo na entrada da toca, com a cabeçorra apoiada sobre as patas dianteiras e roncando tão forte que quem o ouvisse julgaria estar ouvindo uma série de trovões.

Vários meses se passaram; faltavam poucos dias para chegar o Natal. Uma capa de neve de vários metros cobria tudo e o frio era tanto que os lagos se haviam gelado quase até o fundo. Apesar disto a temperatura no cubículo da família de ursos era bem agradável. Até fazia calor. Tanto que uma abelhinha, que se ocultara no pêlo de Uma-Pata, despertou pensando que chegara o verão.

Era uma abelhinha muito nova, de formosas asas transparentes e faiscantes. Quando percebeu que se enganara quis adormecer novamente mas, como tinha fome e não havia flores de onde pudesse tirar mel, ficou seriamente aborrecida. Resmungava consigo mesma por ver que ela, uma abelha, acordava em pleno inverno com uma fome de lobo, enquanto que o ursinho, que com certeza havia comido toda sua provisão de mel para o inverno, continuava a dormir, bem farto e contente. Que desaforo! E, para satisfazer sua raiva, deu uma ferroada bem no focinho do coitadinho de Uma-Pata.

— «Ai! Ai! Mamãe! Papai!», gritou Uma Pata, pulando como uma bola do seu recanto quentinho.» «Ai! ai! ai!».

— «Tragam depressa a mangueira!» dizia grunhindo papai-urso. Papai-urso era membro de uma associação de bombeiros e naquele mesmo momento sonhava que estava apagando um grande incêndio num populoso e espesso bosque.

— «A mangueira automática... resmungou êle; e dando meia volta continuou a dormir.

— «Levanta-te, pai!», grunhiu mamãe-ursa que despertara com a barulhada. «Levanta-te que alguém está maltratando Uma-Pata!»

Naquele mesmo instante papai-urso acabava de ver a abelha porque, ao acordar, Três-Patas acendera uma vela de cêra. (Os ursos têm sem-

pre velas nas suas tocas, para o caso de terem de despertar).

— «Quem és tu, que te atreves a picar meu filhinho que dorme?», rugiu papai-urso «e para cúmulo do desaforo, ainda o picaste bem na metade do focinho!»

— «E' sim. Bem no meio do focinho!» gemia Uma-Pata.

— «Eu me chamo Pica-Pica e acordei porque tinha fome. Quando vi Uma-Pata dei-lhe um ferroada porque foi êle quem comeu todo o meu mel este verão.»

— «Como é gostoso o mel! disse papai-urso lambendo o focinho só de pensar em mel. «Mas não devias ter picado o pequerrucho». Assim dizendo, levantou a pata para esmagar Pica-Pica. Mas a abelha, sabida, se escondeu num cantinho.

— «Isto mesmo! Papai!» gritava Uma-Pata. E Duas-Patas e Três-Patas também gritavam: «Bem feito!» Duas-Patas gritava duas vezes e Três-Patas, três vezes, de acordo com o número de patas que tinha no nome: «Bem feito! Bem feito! Bem feito!»

— «Calma, calma, filhinhos!» murmurava docemente mamãe-ursa. «Não adianta matá-la. E' verdade que Pica-Pica nos tirou de um ótimo sonho e que picou Uma-Pata; mas se o fez é porque tinha fome. E vocês sabem que não é nada agradável sentir fome!»

— «E' verdade», disse papai-urso detendo a pata no ar justamente quando tentava apanhar Pica-Pica. E em lugar de esmagar a abelhinha, disfarçou e coçou-se por trás da orelha. «Não é nada agradável passar fome», disse.

«Mas aqui não há nada para comer. Aqui na toca não temos flores e lá fora só há neve e faz muito frio.»

— «Podemos dar um gelato. Nesta primavera, quando acordei, fazia bastante calor e o Vento Sul me contou que era êle quem tinha arrumado tudo. Se nós pudessemos encontrá-lo?» Mamãe-ursa ao

dizer isso tinha um ar tão amável e carinhoso que Pica-Pica esvoaçou e foi se abrigar no seu pelo espesso e profundo.

— «O Vento Sul!?» disse rindo papai-urso. «Ora o Vento Sul! Oh! Oh! Oh! Ora, o Vento Sul em pleno inverno, pouco antes do Natal! Justamente na época mais fria do ano!». Mas depois, resmungou pensativo: «Apesar disso, é evidente que êle deve estar em algum lugar... Com certeza...»

— «Deixem que nós vamos procurá-lo!» gritaram Duas-Patas e Três-Patas, deixem...

— «Eu também quero ir», gritou Uma-Pata que já se esquecera completamente da picada da abelha.

— «Você acha que podemos deixá-los sair» perguntou mamãe-ursa um tanto preocupada. «Há tanta neve!...»

— «Que neve nem meia neve!» respondeu papai-urso. «A neve lhes fará bem. Se me visses quando eu era moço... Um dia...»

— «As histórias ficam para outra ocasião» — respondeu depressa mamãe-ursa.

«Vão se preparar, então. Mas ponham o cachecol e tenham cuidado para não se resfriar.»

E assim foi que pouco depois os ursinhos se encontraram fora da toca, piscando ofuscados pela luz nascente da aurora. Cada um deles tinha um cachecol enrolado no pescoço. O de Três-Patas era vermelho; o de Duas-Patas era azul e o de Uma-Pata era branco.

— «Vamos nesta direção», disse Três-Patas; por aqui se sente calor no focinho. E encaminhou-se na direção da montanha. Duas-Patas e Uma-Pata seguiam suas pegadas.

Mas, em cima da montanha morava o Vento-Norte.

— «Zuuiiiim», zunia êle.

Os três ursinhos, só de ouvi-lo sentiam frio no lombo.

— «Que é que vocês querem?, zuuiiiim...»

— «Só queremos saber se o

sabemos que estamos em ple no inverno mas há uma abelhinha que está com fome...»

— «Esperem que já lhes vou ensinar a procurar o Vento-Sul!» zuniu o Vento-Norte. E soprou sobre os ursinhos com tamanha força que os três rolaram um por cima dos outros até o pé da montanha...

«Uf!» disse Duas-Patas depois de sacudir a neve do pêlo. «Em todo caso, é certo que o Vento-Sul não está lá!» E fazendo cabriolas, atravessaram, patinando, um grande lago gelado.

Justamente naquele momento passava por ali o perverso e glacial Vento Oeste.

«Aquí estou eu!» uivava. «Venho do mar e trago comigo tôdas as tempestades. Afundei vários navios com toda a tripulação. Não tenho piedade!» E colhendo os ursinhos atirou-os ao ar como se fossem petecas, muito alto! muito alto! uiiii!...

«Esse também não era o Vento-Sul...» disse Duas-Patas, desapontado. Como os outros dois, caíra num grande montão de neve depois de sua horripilante viravolta pelos ares.

— «Agora sou eu que vou experimentar!» — disse teimosamente Uma-Pata. «Acho que devemos ir por ali...»

— «Oh! Você acha?» disseram rindo Três-Patas e Duas-Patas. «Não senhor! O Vento-Sul não está em lugar nenhum. Quanto a nós, vamos voltar já. Se você quiser, que fique. Não lhe impedimos!»

E em seguida foram-se embora levantando um torvelinho de neve.

Uma-Pata ficou sozinho olhando Duas-Patas e Três-Patas que desapareciam ao longe, muito longe sobre a neve, como dois pontinhos escuros.

Naquele momento surgiu o sol e alguma coisa agitou levemente os ramos das árvores.

— «Quem está aí?» gritou Uma-Pata, e seu coração batia agitado. «Quem está aí?»

Isso porque, sozinho como se encontrava, sentia um pouco de medo.

— «Não tenhas medo» sussurrou docemente uma voz. «Sou eu».

— «Quem é você?» — perguntou Uma-Pata.

— «Venho do Este, onde o

sol se levanta todos os dias. Me chamo Vento-Este e não te quero fazer mal».

— «Então você conhece, por acaso, o Vento Sul? Nós queremos levá-lo para casa.»

— «E' claro que conheço. Ele é meu irmão, disse o Vento Este. «Costuma vir muitas vezes à minha casa para me aquecer; é muito amável. Mas para que é que desejam tê-lo em casa?»

Aí, Uma-Pata contou toda a história da abelha Pica-Pica que lhe dera uma ferroadinha porque tinha fome.

— «E' claro que vamos ajudar-te. Senta-te aqui e espera um pouco enquanto eu vou correndo buscar o Vento-Sul». E assim dizendo, o Vento-Este partiu tão suavemente que mal agitou a neve. Vendo-o partir, Uma-Pata fazia sinais com a cabeça para demonstrar sua alegria por ver o Vento Este passar tão suavemente por cima dos picos das

«Logo fará calor», respondeu alegremente Uma-Pata; «haverá flores, o sol vai brilhar e Pica-Pica poderá comer. Encontrei o Vento Este e ele foi buscar o Vento-Sul».

— «Não sejas tolo! Vem conosco!» diziam os outros dois. «Se ficarmos muito tempo acordados também nós sentiremos fome!...»

— «Mas também poderemos comer um pouco», respondeu Uma-Pata. «Se quisermos poderemos...»

E de repente calou-se.

— «Escuta— Escuta!»

Os três ursinhos empinaram as orelhas.

— «E' o Vento-Este...» dizia suavemente uma voz, vinda do alto. «Vão na frente para nos ensinar o caminho porque o Vento-Sul chegará dentro de cinco minutos...»

Assim foi que mamãe e papai-urso, ao olhar para fora para ver quem vinha viram



montanhas; e enquanto isso ia afrouxando o cachecol branco porque tinha a impressão de estar sentindo um pouco mais de calor.

Duas-Patas e Três-Patas voltaram, correndo.

— «Tens que voltar conosco imediatamente», gritaram; «Papai quer dormir e mamãe tem medo de que pegues um resfriado.»

Três-Patas, Duas Patas e Uma Pata chegar correndo, com os cachecóis azul, branco e vermelho enrolados no pescoço, acompanhados pelo Vento-Sul com seus passaros, suas flores, árvores verdes apesar do inverno e, além do mais, dia de Natal.

— «E' a coisa mais maravilhosa que já ví na vida», disse mamãe-ursa coçando o pe-

o. «Que boa temperatura! Desdobra as azas, Pica-Pica e procura alimento». Pica-Pica não se fez de rogada. Esvoaçou de um lado para outro e afinal foi pousar sobre uma grande flor amarela.

— «Que bem deve estar isso», disse papai-urso, todo contente por ter colhido um punhado de pinhões. Mamãe-ursa, Uma Pata, Duas-Patas e Três Patas também comiam.

Durante a noite, o Vento-Este e o Vento Sul partiram, depois de terem feito suas pedidas. Uma-Pata agradeceu ao Vento-Este por tê-lo ajudado a achar o Vento-Sul. Antes de Uma-Pata voltar ao covil trocaram promessas de encontro na próxima primavera. Prometo que virei disse o Vento Este, e tratei o Vento-Sul...

— «Estás vendo?» disse mamãe-ursa a papai-urso, «estás vendo? de nada serve brigar. Tudo isso aconteceu porque Pica-Pica tinha fome. Ajudando-a, também nós conseguimos comer. Quando a gente se ajuda mutuamente, há de tudo para todo o mundo. E é muito mais agradável assim...»

MMMMmmmm! sussurrava papai-urso. E já estava quase aporrecido. O que mais lhe agradava... depois de comer, evidentemente... era dormir. Mmmm! resmungavam também Três-Patas, Duas-Patas e Uma-Pata. Três-Patas, tres vezes; Duas-Patas, duas vezes e Uma-Pata, só uma vez. Porque assim eram feitos, para sempre. Se bem que nesse dia tivessem ajudado um pouco a Uma-Pata.

Zzzz...zzz...zzz... se podia ouvir, como se fosse uma nota suave em meio dos extraordinários roncões. Era a abelhinha Pica-Pica que, além de farta e contente, se aninhava no pelo quentinho e macio de Uma-Pata.

VIDAS SÊCAS

(Cont. da página 10)

Como era possível haver estrelas na terra?

Entristeceu. Talvez sinhá Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e sussuaranas; e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões e pancadas com bainha de faca.

Apesar de ter mudado de lugar, não podia livrar-se da presença de sinhá Vitória. Repetiu que não havia acontecido nada e tentou pensar ans estrelas que se acendia mna

serra. Inutilmente. Aquela hora as estrelas estavam apagadas.

Sentiu-se fraco e desamparado, olhou os braços magros, os dedos finos, pôs-se a fazer no chão desenhos misteriosos. Para que sinhá Vitória tinha dito aquilo?

Abraçou a cachorrinha com uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada, preferia saltar e espojar-se no chão. Farejando a panela, franzia as ventas e

reprovava os modos estranhos do amigo. Um osso grande subia e descia no caldo. Esta imagem consoladora não a deixava.

O menino continuava a abraçá-la. E Baleia encolhia-se para não magoa-lo, sofria a carícia excessiva. O cheiro dele era bom, mas estava misturado com emanções que vinham da cozinha. Havia ali um cheiro 'oprua' osso um osso de tutano e com alguma carne.

**Dr. IRUN
SANT'ANNA**

Clinica Médica

Consultório: Rua S. Pedro, 28
NITEROI

3^{as.}, 5^{as.} e Sábados
Das 9 às 11 horas

Vidas Sêcas

Romance de Graciliano Ramos

O MENINO MAIS VELHO

CAPITULO VI

DEU-SE aquilo porque sinhá Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem de sinhá Terta, pediu informações. Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros.

O menino foi à sala interrogar o pai, encontrou-o sentado no chão, com as pernas abertas, desenrolando um meio de sola.

— Bota o pé aqui.

A ordem se cumpriu e Fabiano tomou medida da alpercata: deu um traço com a ponta da faca atrás do calcanhar, outro adiante do dedo grande. Riscou em seguida a forma pé do calçado e bateu palmas:

— Arreda.

O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou à cosinha, foi pendurar-se à saia da mãe:

— Como é?

Sinhá Vitória falou em espetos quentes e fogueiras.

— A senhora viu?

Aí sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingeiras murchas, na beira da lagoa vasia.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. Repousava junto à trempe, cochilando no calor, à espera do osso. Provavelmente não o receberia, mas acreditava nos ossos, punha na dona as pupilas negras onde a confiança brilhava. Admitia a existência dum osso graúdo na panela, e ninguém lhe tirava esta certeza, nenhuma inquietação lhe perturbava os desejos moderados. Às vezes recebia pontapés sem motivo. Os pontapés estavam previstos e não dissipavam a imagem do osso.

Naquele dia a voz estridente de sinhá Vitória e o cascudo na cabeça do menino mais velho arrancaram Baleia da modorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem. Foi esconder-se num canto,

por detrás do pilão, fazendo-se miúda entre combuco e cestos. Um minuto depois levantou o focinho e procurou orientar-se. O vento morno que soprava da lagoa fixou-lhe a resolução: esgueirou-se ao longo da parede, transpôs a janela baixa da cozinha, atravessou o terreiro, passou por baixo do pé de turco, topou o camarada chorando, muito infeliz, à sombra das catingueiras. Tentou minorar-lhe o padecimento, saltando. Não estava alegre, mas também em roda e balançando a cauda. bém não podia sentir uma dor excessiva. E como nunca se impacientava, continuou a pular, ofegando, chamando a atenção do amigo. Afinal con-

xara o brinquedo e fôra interrogar sinhá Vitória. Um desastre. A culpada era sinhá Terta, que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo prêso nas gengivas banguelas. Ele tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. Por isso resignara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chicote das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos



venceu-o de que o procedimento dele era inútil.

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender.

Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contacto agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.

Continuou a acariciá-la, aproximou dela a cara enlameada, olhou bem no fundo os olhos tranquilos.

Estivera metido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, lambusando-se. Dei-

da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda a parte forças malélicas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos.

Nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa,

cançados e famintos. Sinhá Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pêlo escasso. Ele, o menino mais velho, caíra no chão que lhe torrava os pés. Escurecera de repente, os chiquechiques e os mandacarús haviam desaparecido. Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha da faca de ponta.

Naquele tempo o mundo era ruim, mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No girau da cozinha arrumavam-se mantas e pedaços de toucinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repeliu as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Tehta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

— Inferno, inferno!

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinhá Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinhá Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os sonhos que picou Uma-Pata;

Cont. na página 13

MOMENTO FEMININO

Conferencia da Infância

Realizar-se-á em Viena de 12 a 16 de abril, a Conferência Internacional de Defesa da Infância que reunirá representantes de 39 países do mundo e cuja comissão patrocinadora conta com os mais notáveis nomes de educadores, professores, médicos, assistentes sociais, etc. São nomes que acima de partidos políticos ou credos religiosos, se propõem a discutir os problemas que envolvem o futuro da criança de hoje.

No Brasil foram convidados varios nomes, de grande relêvo social, organizações governamentais e não governamentais. Desses convidados surgiu a idéia da organização de um Comitê Nacional para orientar a ida de delegados brasileiros que se apresentem aptos para defender na Conferência Internacional os graves problemas da infância brasileira e também movimentar o interesse da discussão desses problemas do Brasil. Para este fim foi programada uma semana de conferências, uma exposição de pintura sobre motivos infantís, mesas redondas em associações e no rádio da Capital e dos Estados.

Fazem parte da comissão patrocinadora:
Desembargador Saboia Lima.

D. Branca Fialho Educadora.
Escritora Dinah Silveira de Queirós.
Profa. Geny Marcondes.
Prof. Augusto Rodrigues.
Escritor Vicente de Paula Guimarães.
Jornalista Yvonne Jean.
Aderiram a êsse movimento prometendo colaborações, várias personalidades e associações:

Graciano Ramos — presidente ABDE.

Alvaro Moreyra.

Pascoal Leme.

Lia Correia Dutra.

B. Cavalcanti, Elza Leão de Moura, pelo Departamento da Infancia da Federação de Mulheres do Brasil.

Nair Batista pelo Departamento Infancia Juvenil da ABDE.

Estão sendo convidadas a participarem desse movimento autoridades e todas as associações ou pessoas que se interessem pelos problemas relativos à infancia brasileira.

NO BRASIL

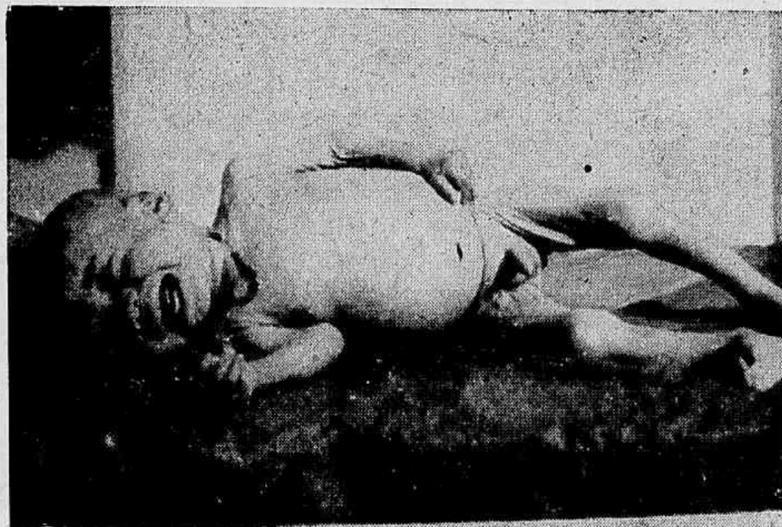
Sendo o Brasil um dos países onde a mortalidade infantil apresenta um indice de 750.000 crianças por ano, onde o analfabetismo domina a delinquencia progride como consequencia do abandono em que vive a nossa criança, não poderíamos deixar de participar desta Conferencia.

A Federação de Mulheres do Brasil, convidada para participar, iniciou os seus trabalhos no sentido de divulgar o programa da Conferência, discutir os problemas da infancia em nosso país e enviar uma delegação que certamente defenderá todos os pontos necessarios para que se crie, num mundo de paz e progresso, a criança verdadeiramente feliz.

Outra Associação convidada foi a Associação Brasileira de Escritores. Aceitando a tão honroso convite, programou uma serie de conferências por intermedio do seu Departamento de Literatura Infancia Juvenil tendo realizado no dia 20, no auditório do I.A.P.I., uma mesa redonda sobre o 4.º ponto do Programa, isto é, a defesa da infancia contra a influencia perniciososa da literatura. Fizeram parte da Mesa a jornalista Yvonne Jean, o Diretor da Revista «Sesinho» Vicente Guimarães, João Guimarães da Editora Melhoramentos de São Paulo, o escritor Graciano Ramos, o Presidente da Associação Brasileira de Participaram dos debates, a professora Geny Marcondes, a jornalista Eneida de Moraes e o poeta Murilo Araújo.

No dia 7 de abril, no auditório do I.A.P.I. uma conferência do Desembargador Saboia Lima sobre a delinquencia infantil, alcançou grande êxito.

Um debate na Televisão Tupy, sobre problemas de literatura infantil, irradiado para todo o país, com a presença de dois deputados, foi também uma iniciativa interessante da Comissão Brasileira.



«Esse congresso encerra em seu significado um sentido profundamente humano e um carinho especial pela infancia, posta em perigo nestes dias atribulados: é que não se trata de umar eunião com caráter unilateral, mas que estende seu convite de solidariedade humana a pessoas de todas as tendências políticas, filosóficas, ou religiosas, no único intuito de defender a infancia ameaçada.

Rio de Janeiro, 28 de março de 1952.

(As.) Desembargador A. de Saboia Lima — Escritora Dinah Silveira de Queiroz — Educadora Branca Fialho — Professor Vicente Guimarães — Escritor Graciano Ramos — Professora Geny Marcondes — Jornalista Yvonne Jean».

(Da Proclamação lançada pela Comissão Brasileira de Defesa da Infancia).

Resoluções da Conferência Continental Americana pela Paz

A Conferência Continental Americana pela Paz, realizada de 11 a 16 de março de 1952, na cidade de Montevideo, recomenda às Comissões Patrocinadoras e a todas as organizações e pessoas que apoiaram sua realização:

1.º — Que se empenhem em difundir, através de assembleias, debates, volantes, comícios, rádio, imprensa e por todos os meios que lhes sejam próprios, as resoluções desta Conferência. Ademais, a Conferência considera que é indispensavel intensificar nossos esforços para incorporar o maior número de pessoas e organizações à luta em defesa da paz e para multiplicar ao máximo o número de conselhos locais, comitês, grupos e demais formas de organiza-

ção, capazes de aplicar as resoluções desta Conferência e tornar invencível a imensa vontade de paz de nossos povos.

2.º — Que as organizações de defesa da paz em cada país designem um representante para integrar uma delegação encarregada de apresentar à ONU as resoluções desta Conferência.

3.º — Que se conseituum comissões com representantes de diversos países para que apresentem aos parlamentos dos países do Continente as resoluções desta Conferência.

4.º — Que se realize uma intensiva jornada pela paz, na base das resoluções desta Conferência em todos os países da América, no dia 8 de maio de 1952, aniversário do térmi-

no da segunda guerra mundial.

5.º — Que se realize no decurso do ano de 1952 uma Conferência Americana de Escritores, Artistas e Homens de Ciências, para discutir o desenvolvimento possível das culturas nacionais e da colaboração cultural interamericana em relação com a salvaguarda da paz mundial.

6.º — Que se intensifique o intercambio permanente e direto de informações entre os organismos nacionais do Continente Americano com respeito ao desenvolvimento do movimento pela paz em cada país, particularmente as experiências, iniciativas, métodos de trabalho, publicações, etc.

Clube Infantil

Em Franca (Estado de São Paulo), foi organizado um «Clube infantil Pró-Paz». Esse clube servirá de base a formação de uma Associação de donas de casa, pois aproximará também as mães das crianças.

As mulheres unidas lutarão contra a carestia e assim mães e filhos estarão trabalhando pelo melhoramento da vida.

O clube infantil já produziu o trabalho de conseguir 50 leitoras para Momento Feminino, fato este muito auspicioso para nós.

Trechos das Resoluções

«Afirmamos que a paz pelo entendimento para a solução das divergências internacionais, o desarmamento e a cooperação econômica livre, a proibição das armas atômicas, o respeito à soberania nacional, o pleno reconhecimento material e espiritual dos povos é a nossa máxima aspiração e constitui a tradição histórica das lutas americanas.

«A Conferência chegou à conclusão de que o veículo mais decisivo para a realização de nossos nobres ideais é o estabelecimento de um acordo entre as cinco grandes potências, através de um Pacto de Paz, aberto a todos os Estados que dele queiram participar. Se a crescente e vigorosa expressão que em todo o mundo apoiou esse Pacto aumentar até que se obtenha das cinco grandes potências a decisão de estabelecê-lo, haveremos dado um passo fundamental para a paz e a segurança mundiais. A carreira armamentista seria paralizada, as despesas militares seriam destinadas à produção civil, desapareceria a intensão internacional e se abririam amplas possibilidades de intercâmbio econômico, científico e cultural entre as nações. Aumentaria o respeito à auto-determinação dos povos e se iniciaria um novo período de cooperação e coexistência pacífica.

Por todas as considerações, a Conferência Continental pela Paz apela para todos os povos da América no sentido de:

- 1) Lutar pelo desarmamento progressivo, pela proibição das armas atômicas, pelo restabelecimento de um rigoroso controle desta proibição e pela utilização da energia atômica exclusivamente para fins pacíficos;
- 2) Condenar por todos os meios a política de guerra de certos círculos dominantes dos Estados Unidos da América do Norte, lutar contra a militarização e a preparação da guerra em nossos países, e denunciar os compromissos contraiados pelos governos, que implicam o sacrifício de nossa juventude, de nossa economia, de nosso progresso material e cultural e de nossa soberania nacional;
- 3) Pronunciar-se contra as perseguições às atividades em defesa da paz, contra a supressão dos direitos democráticos, e prestar solidariedade a todas as vítimas dessa repressão;
- 4) Lutar pela defesa das próprias riquezas naturais para que sejam utilizadas em benefício do desenvolvimento econômico e do bem-estar de nossos povos;
- 5) Exigir a supressão das limitações e discriminações ao livre intercâmbio econômico, científico e cultural de nossos países como fator de fortalecimento da paz, da cooperação entre as nações e do melhoramento do nível de vida das populações;
- 6) Condenar todas as formas de propaganda de guerra;
- 7) Intensificar a campanha de assinaturas por um pacto de paz entre as cinco grandes potências, aberto a todos os Estados do mundo.



Milhares de pessoas assistiram ao comício de encerramento. Delegados de todos os países presentes a Conferência falaram ao povo uruguaio.

As Mulheres da América Unidas pela Paz

De 11 a 16 de março, o generoso povo uruguaio recebeu com grande entusiasmo os trezentos delegados que, de 11 países da América, já chegaram para falar de seu desejo de Paz para todo o mundo. As paredes cobriram-se de enormes cartazes, os jornais abriram manchetes, nos bairros realizaram-se inúmeros comícios — em toda parte, na capital uruguaia, a bela cidade de Montevidéu, o assunto obrigatório era a realização da Conferência Continental Americana pela Paz.

Apesar da proibição formal do governo, a Conferência se realizou. As grandes delegações que dia a dia chegavam, reuniram-se, trocaram idéias e experiências, apresentaram sugestões e propostas, acertaram medidas comuns a serem tomadas, tiraram suas resoluções.

Esses 300 delegados, assim se distribuíam por países: Brasil, 120; Uruguai, 100; Argentina, 30; Chile, 22; Paraguai, 16; Estados Unidos, 5; Venezuela, 3; Bolívia, 2; Colômbia, 1; Guatemala, 1; Porto Rico, 1.

Seis desses países enviaram delegações femininas: Brasil, 28 mulheres; Chile, 11; Argentina, 10; Uruguai, 10; Estados Unidos, 3; Paraguai, 3; Venezuela, 1. Outros países, de grande importância no continente pela luta do povo em defesa da paz e pela expressão de seu movimento feminino, como Cuba e México, não puderam enviar delegações, em virtude das medidas arbitrárias de seus governos, que não lhes concederam vistos.

Com a presença dessas delegadas femininas, realizou-se na sede da União Feminina do Uruguai, magnífica reunião. Discutindo «A participação das mulheres na luta pela paz», entrevistaram 22 delegadas. A mesa que presidiu os trabalhos, compunha-se de uma representante de cada país: Maria Rosa Oliver, da Argentina, secretária geral da Conferência; Elisa Branco, pelo Brasil; Olga Poblete, presidente da delegação do Chile; Júlia Arévalo de Roche, distinguida líder feminina do Uruguai e ex-senadora; Lorraine Hansbury, dos Estados Unidos, delegado da população negra daquele país, jornalista e poetisa e uma delegada do Paraguai.

Todas as representantes, falaram do desejo de paz de seus povos, da ameaça de uma nova guerra que pesa sobre seus lares, com os orçamentos de guerra que votam os seus governos, com o aumento incessante do custo

de vida. Ricas experiências, no trabalho de esclarecimento das mulheres sobre a pelela de assinaturas ao Apelo por Um Pacto de Paz, foram expostas pelas delegadas.

Várias mensagens, de solidariedade e de apelo à luta organizada das mulheres, foram aprovadas nessa reunião, em nome de todas as presentes: as mulheres da América; às mulheres coreanas; às mulheres norte-americanas; às mulheres colombianas; às mulheres portoriquenhas; a Mme. Cotton, presidente da FDIM; telegramas ao Presidente Peron, de protesto contra a prisão de Adelma Petroni e ao Presidente Vargas, exigindo a libertação de Marinete e Jean.

Em meio à reunião, surgiu na sala uma encantadora delegação de crianças uruguaias, membros do Clube Infantil Malvin, que trazia uma saudação à Conferência e uma Mensagem às crianças da América. Carregando cada uma uma pomba e trazendo uma grande faixa em que se lia: «AS CRIANÇAS DA AMÉRICA DESEJAM A PAZ», arrancaram palmas comovidas de todas as delegadas.

Aproveitando a oportunidade do encontro de vários países na Conferência Continental, cujas organizações femininas são filiadas à FDIM, foi realizada também uma reunião de representantes desses países; dois pontos foram discutidos: 1) A preparação da Conferência Internacional de Defesa da Infância; 2) A ampliação do movimento feminino.

A experiência de cada um dos movimentos nacionais femininos, apresentada então, servirá, sem dúvida, para um impulso nas atividades de todos os países em torno daqueles dois importantes problemas.

Dessa maneira, foi extraordinariamente útil a realização de ambas as reuniões femininas. Elas servirão como um novo estímulo à luta corajosa das mulheres americanas em defesa da vida de seus filhos, contra a miséria e seus lares, pela fraternidade entre todos os povos do mundo.

A CONFERÊNCIA CONTINENTAL AMERICANA PELA PAZ estreitou ainda mais os laços que unem todos os povos da América.

AS MULHERES AMERICANAS, ao lado de todas as mulheres do mundo, saberão vencer a guerra e conquistar a paz!

Apelo aos Povos da América

Já não é segredo para ninguém o momento crítico por que atravessa o mundo, de um extremo a outro. Despedaçado por um extremo a outro. Despedaçado por um belicismo imposto pela força de uma política de aventura guerreira, suas consequências já se fazem presentes em nosso Continente.

Responsáveis ante o dever que nos impusemos, dirigimo-nos à consciência pacifista de nossos povos americanos, com este apelo para intensificar a campanha de assinaturas por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências, aberto a todos os Estados.

POVOS DA AMERICA: Se não quiserdes ser arrastados a uma nova guerra mundial; se não quiserdes continuar suportando as catastróficas consequências da corrida armamentista e da militarização de nossos países, ASSINAI POR UM PACTO DE PAZ.

Se não quiserdes ser vítimas dos tratados militares que implicam no sacrifício de nossa juventude nos campos de batalha da Coréia, ou em outras guerras alheias à defesa de nossas patrias, ASSINAI POR UM PACTO DE PAZ.

SE não quiserdes que nossas economias continuem subordinadas a objetivos bélicos; que o intercâmbio econômico-cultural continui sofrendo toda espécie de restrições; que se continui atentando contra os direitos democráticos e que se agravem as condições de vida de nossos povos, ASSINAI POR UM PACTO DE PAZ.

Se quiserdes o desarmamento progressivo, simultâneo e controlado, e a proibição das armas atômicas; a solução pacífica das divergências internacionais; o respeito à soberania nacional; o reconhecimento dos direitos democráticos e o livre intercâmbio econômico, científico e cultural, fatores de fortalecimento da paz, da cooperação entre as nações e do melhoramento do nível de vida dos povos, ASSINAI POR UM PACTO DE PAZ.

ASSINAR POR UM PACTO DE PAZ É O MEIO MAIS eficiente e decisivo de que os povos dispõem para opor-se vitoriosamente à grave ameaça que pesa sobre o mundo, sobre sua soberania e seu bem-estar.

A guerra não é fatal. A paz pode e deve ser mantida mediante a ação conjunta dos povos. «Não basta esperar a paz, é preciso conquistá-la». UNAMO-NOS! ORGANIZEMO-NOS!



A mesa que presidiu a reunião de delegadas femininas, vendo-se a Sra. Julia Arévalo de Roche e a heroína da paz brasileira Elisa Branco



Delegadas da Argentina, do Uruguai e do Paraguai participando da reunião



Chile e de outros países, discutindo "A Participação das Mulheres na Luta pela Paz"



As representantes das seções nacionais da F. D. I. M. discutem como ampliar o movimento feminino.

Cozinha

VIRGINIA

1) — SOPA DE GRÃO-DE-BICO

Ponha de mólho, á evéspera, meio quilo de grão de bico. No dia seguinte, tire-lhe as cascas e ponha no fogo para cozinhar, com sobras de carne ou meio quilo de costelas, um pedaço de paio, cheiro verde, uma cebola e dois tomates. Deixe em fogo brando até que o grão de bico fique bem cozido.

2) — SALADA ORIGINAL:

Cozinhe em água e sal os seguintes legumes: cenouras, vagens, chuchus, batatas e beterrabas. A beterraba deve ser cozida em panela separada e com a casca. Limpe bem um bonito pó de alface.

Depois de bem cozidos todos os legumes, corte-os em pequenos pedaços, junte palmito de lata, também cortado em pedacinhos e fatias de maçã.

Faça um mólho, com vinagre branco, azeite doce e cebola picadinha e uma gema de ovo bem batida. Arrume artisticamente numa travessa, as folhas de alface e os legumes, tempere com o mólho e enfeite com tomates, ovos cozidos e azeitonas.

3) — BACALHOADA À ESPANHOLA:

Tome meio quilo de bacalhau e corte-o em pedaços grossos — ponha-o de mólho em água morna, durante várias horas. Mude sempre a água e vá tirando a pele e as espinhas. Quando estiver bom de sal, faça um refogado com azeite doce, dois ou 3 pimentões, bastante cebola, alho, cebolinhas verdes, vinagre e tomates. Deite o bacalhau nesse refogado, despeje em cima mais azeite doce e tampe a panela. Depois de meia hora, junte algumas batatas e folhas de couve trunchuda (já cozidas à parte) e uma xícara de água. Deixe ferver um pouco e ponha por fim azeitonas verdes.

4) — CROQUETES DE PEIXE:

Aproveite sobras de peixe assado ou frito, e acrescente a esse peixe, esfarelado, igual quantidade de pão dormindo em-

bebido no leite. Junte um ovo cozido, amassado. A seguir, faça os bolinhos e passe-os em dois ovos batidos e depois em farinha de rosca. Frite-os em gordura quente.

5) — BATATAS EM FORMINHAS:

Cozinhe bem meio quilo de batatas, descascadas, e depois passe-as pelo espremedor. Junte-lhes duas colheres de leite, 2 gemas, 1 colherinha de manteiga e 2 colheres de queijo parmesão ralado. Bata bem essa massa, ponha sal e em seguida misture duas claras batidas em neve, mexendo apenas.

Leve ao forno em forminhas untadas de manteiga, colocando ao meio uma azeitona. Sirva quente, retirando-as das forminhas.

SOBREMESAS

6) — BÓLO DE BANANA:

Ingredientes: 3 xícaras de açúcar — 3 xícaras de farinha de trigo — 3 ovos — 1 colher (sopa) de manteiga — 1 xícara de leite — 1 colher (sopa) de pó Royal — canela em pó — sal e 3 bananas.

Bata o açúcar e a manteiga. Junte as gemas, as claras em neve e depois a farinha peneirada com o fermento. Adicione o leite e a pitada de sal. Forre o fundo da fôrma com açúcar queimado e bananas cruas, em fatias cruzadas. Despeje a massa crua por cima e asse em forno quente. Desenforme depois de frio.

7) — OVOS NEVADOS:

Bata muito bem 6 claras até formar neves, bem duras. Leve ao fogo 1 litro de leite e quando estiver fervendo, vá deitando no leite colheradas de neve; deixe ferver por um minuto e vire as neves com uma espumadeira. Depois, retire-as do leite, com a espumadeira e coloque-as numa saladeira ou travessa funda.

No leite que ficou na panela, ponha um pouco de açúcar e misture devagarinho as 6 gemas, já bem desmanchadas em separado. Torne a levar ao fogo até engrossar um pouco, perfume ligeiramente com essência de baunilha, deixe esfriar um

Vidas Sêcas

(Continuação da 6ª. página)

pais antes de se dirigir a eles. chorrinha com abundância de gritos e gestos.

Baleia detestava expansões violentas estirou as pernas, Animara-se a interrogar sinhá Vitória porque ela estava bem disposta. Explicou isto à cafuchou os olhos e bocejou. Para ela os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Mas às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no trazeiro — saía latindo, ia esconder-se no mato, com desejo de morder canelas. Incapaz de realizar o desejo, aquietava-se. Efetivamente a exaltação do amigo era desarrazoada. Tornou a estirar as pernas e bocejou de novo. Seria bom dormir.

O menino beijou-lhe o focinho úmido, embalou-a. A alma dele pôs-se a fazer voltas em redor da serra azulada e dos bancos de macambira. Fabiano dizia que na serra havia tocas de sussuaranas. E nos bancos de macambira, rendilhados de espinhos, surgiam cabeças chatas de jararacas.

Esfregou as mãos finas, esgaravetou as unhas sujas. Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro, mas isto lhe trouxe a lembrança da palavra infeliz. Diligenciou afastar do espirito aquela surriedade funesta, imaginou que não fizera a pergunta, não recebera portanto o cascudo.

Levantou-se. Viu a janela da cozinha, o cocó de sinhá Vitória, e isto lhe dava pensa-

CONSELHOS

PARA AS DONAS DE CASA

— Se os tomates estiverem moles demais para serem facilmente cortados para a salada, deixe-os mergulhados em água fria salgada, durante alguns minutos. Ficarão outra vez com a consistência de tomates frescos.

— Depois que se cortou um pão doce, um pudim ou outra sobremesa semelhante, para que o resto não se resseque, conservando-se fresco e saboroso, convém pô-lo num prato embrulhado em papel celofane.

— Para tirar a pele das amendoas descascadas, convém mergulhá-las em água fervente. Feito isto, ela se irá com facilidade. Deve, porém, haver o cuidado de não deixá-las por muito tempo dentro da água, para que não amoleçam.

— Não se deve usar na preparação de doces, colher de metal, pois corre-se o perigo de que fiquem ácidos, especialmente se o metal for ordinário. É preferível o emprêgo de colheres de pau.

mentos maus. Foi sentar-se debaixo de outra árvore, avistou a serra coberta de nuvens. Ao escurecer a serra misturara-se com o céu e as estrelas andavam em cima dela. Como

era possível haver estrelas na terra?

A cadelinha chegou-se aos pulos, cheirou-o, lambeu-lhe as mãos e acomodou-se.

(Conclui na 5ª. página)

Dr. Armando Ferreira

Clinica Médica — Especialidade: tuberculose e doenças pulmonares pneumotorax artificial.

Travessa Manoel Coelho, 206 — Tel.: 5763
São Gonçalo

Dr. Luiz Werneck de Castro

Advogado

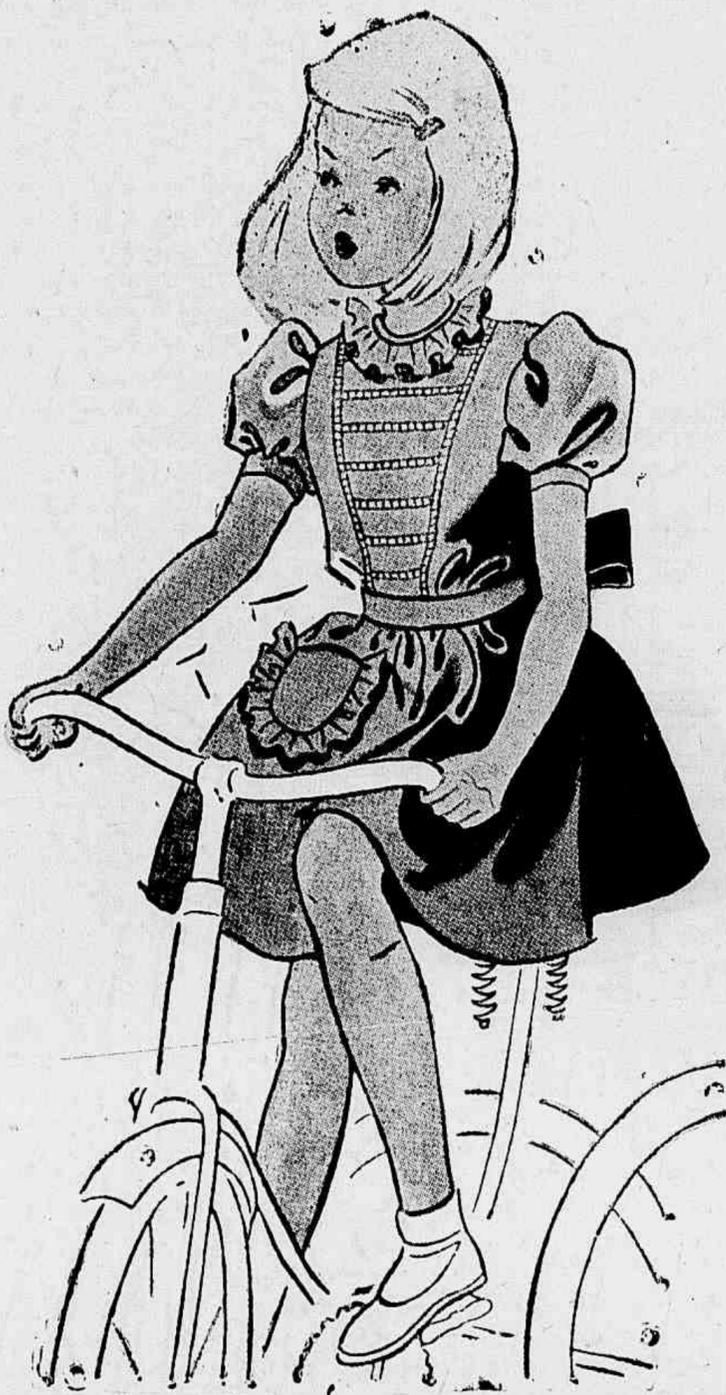
RUA DO CARMO, 49, 2.º ANDAR, SALA 25
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas
EXCETO AOS SÁBADOS

Para sua Filhinha

Dois lindos vestidinhos de al-
pesçoço, além do bolso, dão-
godão para sua filhinha. O
primeiro, trabalhado em ro-
lotê. O segundo, enfeitado
com fazenda lisa: gola en-
viesada levando um bico
bordado e um raminho feito
em ponto simples



Um modelinho em lã fina.
Uma bonita bainha inglesa
e um babadinho em torno do
perçoço, além do bolso, dão-
lhe grande encanto.



Lindo conjunto, para uma
garotinha de 4 a 8 anos:
saia azulmarinho, em sêda
grossa ou lã e blusinha de
laise. Bonitos bolsos, com ro-
lotê.



Tende a Desaparecer a População de Lafayette

Do Morro da Mina, em Lafayette, são extraídas grandes quantidades de minérios, de manganês de alto valor e remetidos aos Estados Unidos, para a fabricação de bombas atômicas.

Os operários vivem miseravelmente, de tal modo que a mortalidade infantil é assustadora, tanto que as crianças que conseguem vencer a primeira infância, geralmente não passam dos 14 anos, principalmente as meninas. Disse um pai desolado: «Tenho visto ir por essa estrada muitos caixões de mocinhas — e a minha também foi...»

As casas, sem luz, precisam

ser iluminadas dia e noite a querosene (imaginem que a viciado!) e não têm água, precisando as mulheres e crianças apanhá-la em latas. O pior é que por essas taperas, que eram fornecidas gratuitamente, já está sendo cobrado aluguel e a família só pode morar nela enquanto um de seus membros for operário da Mina, o que significa que as viúvas ficarão sem teto, pois que geralmente quem trabalha é o marido.

Revolta ver, ao lado das arranchações (grupos de casebres), a luxuosa casa onde mora o americano, gerente!

Ao par da exploração há a

maior opressão aos trabalhadores, entre os quais trabalham policiais; há um capataz, armado de chicote, para chicotear o operário que ele achar que esteja trabalhando vagorosamente.

A Companhia se defende de todos os modos: prevenindo paralisação na Central do Brasil, por onde se faz o transporte dos minérios, já o está transportando em caminhões.

E assim vão as nossas riquezas encher os bolsos dos estrangeiros e, pior que tudo, contribuir para a confecção das monstruosas bombas atômicas, crime este perpetrado pelos responsáveis pelos destinos do Brasil, que, além de concordarem assim com a política de guerra do governo americano só têm feito infelicitizar cada vez mais o nosso povo.

Uma Centenária Brasileira Reafirma a sua Vontade de Paz

Reportagem de LENA

Liberdade para Marinete e Jean

Continuam encarceradas, sujeitas às arbitrariedades de uma administração que se rege pela violência, as duas partidárias da paz Maria Afonso Lins e Jean Sarkis.

Agora, desde há algumas semanas, mais uma pena lhes foi imposta: foram proibidas as visitas que recebiam às quintas-feiras, de parentes e amigos, bem como o recebimento de jornais e revistas democráticas. Assim, estão elas impedidas de conhecer notícias do movimento democrático no Brasil e em todo o mundo e de receber o abraço carinhoso dos inúmeros amigos e as mensagens de afeto e solidariedade que lhes chegam de todo o país.

Essa violência, cuja responsabilidade cabe ao Ministro da Justiça e ao próprio presidente da República, encontrou o mais enérgico protesto de todos aqueles que lutam pela libertação daquelas amigas.

O processo a que foram submetidas, que se encontra no Supremo Tribunal Federal, e cujo relator será o ministro Abner de Vasconcelos, deverá entrar em pauta ainda no mês de abril. Isso exige maior mobilização de todas as mulheres, amigas de Marinete e Jean, e de todos os partidários da paz. As cartas e telegramas serão intensificados o seu número — a cada ministro do STF, ao presidente da República, ao Ministro da Justiça.

A vontade popular, que se manifestou através de mais de 4 milhões de assinaturas pela paz, que já conquistou a volta dos dois cruzadores adquiridos nos Estados Unidos (o que motivou a prisão de Marinete e Jean) e a libertação da heroína da paz no Brasil, Elisa Branco, saberá tirar do cárcere essas queridas amigas e devolvê-las ao carinho de suas famílias e ao convívio com todas nós.

Atividades Femininas

NOVA ORGANIZAÇÃO FEMININA EM SITIOS NOVOS (Estado do Ceará) — Noticiário de nossa representante em Fortaleza, Zilma Silva — No dia 3 de fevereiro deste ano, foi fundada na cidade de Sítios Novos, uma União Feminina, na presença de grande número de pessoas. Na nova organização feminina ingressaram 24 mulheres. A secretária eleita, sra. Maria Ferreira de Araújo, é costureira, mas não encontra trabalho, porque o povo não tem dinheiro para comprar roupa. De-

clarou, d. Maria, à reportagem de MOMENTO FEMININO: «Aqui não há melhor nem pior, todo mundo passa ruim. Médico nem se fala. Adoecendo uma pessoa, se faz chá e isso mesmo ainda é difícil por causa do preço do açúcar.» E perguntando sobre a possibilidade de plantação, recebemos a seguinte resposta: «Aqui, quando aparecem sementes e ferramentas é por um preço que não podemos comprar, embora digam que o Estado está distribuindo».

D. Maria Paes de Barros é uma senhora paulista que breve completará 101 anos de idade. Fervorosa partidária da Paz, essa senhora, cujo espírito lúcido e vivo, inteligência e cultura brilhante impressionam aos que com ela palestram, concedeu à reportagem de «Momento Feminino», e sua residência na capital paulista, uma interessante entrevista, na qual expressou suas opiniões sobre a Campanha por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

Foi um prazer para nós ouvi-la, pois, sua conversa além de agradável é instrutiva.

Idosa no físico porém, moça de espírito, D. Maria recebeu nas gentilmente, iniciando a conversa.

— E' realmente admirável essa Campanha pela Paz. Ela veio provar mais uma vez que, os povos não querem mais guerra. A guerra é a causa da deturpação do caráter do homem, de seu sentimento e da sua consciência. Nunca uma guerra resolveu ou endireitou alguma coisa. Ao contrário, e os fatos o têm provado de sobra. Ao se fazer um balanço da última guerra mundial os resultados foram tremendos. Nação mais forte agrediu nações mais fracas, (e por que, meu Deus, por que?) para dominá-las, escravizá-las e explorá-las. São quase sempre estes os objetivos das guerras: o dinheiro, ou então os conflitos raciais e os religiosos. E, o que ficou depois de tudo isso? Orfãos de guerra, crianças sem lares, enfim miséria e fome. Sim, é só o que uma guerra traz, lágrimas e sofrimentos para a humanidade e miséria.

— E sobre o envio de tropas, qual é a sua opinião D. Maria?

— E' claro que sou radicalmente contra. Não é absolutamente justo que os nossos

rapazes sejam sacrificados nessa guerra da Coreia. Nem os nossos nem os de outros países. Já bastam os que já morreram nessa carnificina odiosa, cuja único objetivo é escravizar o heróico povo coreano, e fazer a Coreia de base para futuras aventuras guerreiras. Não, digo daqui, sentada nesta cadeira, nossos jovens não irão para a guerra. Não, dirão as mães brasileiras, nenhum jovem irá para a Coreia.

Estão adorando o bezerro de ouro e desprezando os sentimentos bons e honestos e, nos seus cálculos guerreiros, so-nham, imaginando a humanidade banhado no sangue que jorraria de uma terceira guerra mundial e ao mesmo tempo sorriem, ao pensar nos gordos lucros que encheriam seus bolsos, lucros esses, adquiridos com a venda de armas, munições e toda a indústria e guerra. Pois bem, a esses odiosos senhores e magnatas belicosos, nós as mulheres brasileiras, as mulheres do mundo inteiro diremos: Não, não queremos mais guerras. Que façam os negócios que quiserem, mas não à custa do sangue da humanidade.

E, terminando, D. Maria acrescentou:

— Protestem contra esse orçamento absurdo que o governo destina às despesas para a guerra. A nossa infância está desamparada, o povo analfabeto e sem hospitais para cuidar da saúde. Essa verba destina às despesas bélicas, é um insulto ao povo que está passando fome. Sabemos bem, que somente em Paz poderemos sanar todos esses males. A Paz é bela, e com ela virão a felicidade da família, a prosperidade e a cultura para a humanidade. Os povos cultivarão os campos, as hortas e os jardins, dias de Paz eterna entre os povos!

MOMENTO FEMININO

As Mulheres Mineiras Contra a Carestia

SARA DIAS

Desejo relatar os acontecimentos que se seguiram aos dias de fevereiro p. p., ocasião da revolta popular contra o aumento dos ingressos nos cinemas, os quais revelaram o protesto dos oprimidos, de todo o povo de Belo Horizonte, contra os gananciosos, êsses homens inimigos do povo, que não olham os meios para enriquecerem, mesmo que êsses meios sejam os mais vis, mais infames e absurdos.

A capacidade de sofrer de nosso povo se esgotou e o resultado disso foi a revolta popular, quebrando açougues, invadindo casas comerciais, depredando cinemas etc.

Essa explosão de revolta foi

chamada pelos jornais de «greve vermelha». Foi a revolta de quem é pobre e desamparado, não tem pão, nem assistência médica, nem teto.

Houve sanque derramado e um ferroviário tombou morto, vítima das balas assassinas dos policiais.

Então, as mulheres se uniram e resolveram criar um «CENTRO DE DONAS DE CASA», para realizarem uma campanha contra a carestia. Uma das sugestões apresentadas ao Centro foi a fundação de uma «Cooperativa de consumo», para facilitar às donas de casa a compra dos gêneros.

Em fins de março, chegaram a Belo Horizonte dois

emissários do sr. Benjamin Cabello, presidente da COFAP. Realizaram uma Conferência com os marchantes e retalhistas, ficando resolvido mais um aumento no preço da carne, em 40 centavos.

Indignada com essa decisão, a diretoria do Centro buscou entrar, em entendimentos com aquêles dois emissários, que as receberam com grosseria.

D. Célia Brandão Lobato, presidente do Centro, diante da atitude daqueles senhores, foi obrigada a declarar:

— Se os senhores insistem em aumentar o preço da carne, serei eu quem chefiará as mulheres para a quebradeira.

As diretores do Centro foram chamadas de «agitadoras», o que provocou grande protestode tôdos os que tiveram conhecimento do fato.

Foi realizada uma sessão especial no Centro, em solidariedade à Diretoria e à sua campanha. Falaram vários oradores, sendo no final redigido u mtelegrama de protesto ao presidente da República, contra o tratamento grosseiro dispensado às senhoras.

O Centro de Donas de Casa prossegue em sua campanha, lutando contra os tubarões que nos ameaçam matar de fome, com mais decisão que nunca.

Miséria em Volta Redonda

A vida dos operários de Volta Redonda é cada vez mais difícil, com o aumento dos gêneros de primeira necessidade: é o feijão a Cr\$ 4,80; o arroz a Cr\$ 7,05; o açúcar a Cr\$ 6,00; a carne a Cr\$ 18,00; a banha a Cr\$ 23,00; e assim por diante.

O povo se enfraquece e os operários doentes são pessimamente atendidos pelo I.A.P.I., sendo que suas famílias ficam sem recursos e sem assistência médica. O posto de puericultura só atende às mulheres até o momento do parto; depois, elas podem até morrer, porque não têm mais direito a assistência médica e muito menos a remédios.

Uma senhora, tendo uma criança morta no ventre, foi para o hospital, por conta do Posto, mas depois de medicada, foi mandada para casa, onde passou fome e não teve nenhum fortificante para tomar. O marido também estava doente no I.A.P.I. e ela, com três filhos menores, sem direito a nada, acabou morrendo a mingua, deixando seus filhinhos jogados na rua, comendo ora na casa um, ora de outro.

Quando um operário vai para o hospital, é descontado no seu ordenado e os patrões não querem saber se tem 8 filhos ou

mais, descontam às vezes todos o ordenado, alegando que foi a despesa do hospital.

Se um coitado reclama, é entregue ao capitão Osvaldo, que manda aplicar borrachadas e acaba por ser demitido, sem a mínima indenização.

Enquanto isso, os americanos moram em boas casas, com muito conforto e têm tidas as regalias. A Cia Siderúrgica explora os operários não por falta de recursos, pois no ano passado sua produção ultrapassou de 280.000 toneladas de aço, sou ao volume esperado; e mvez produziu 340.000, com o suor de suas vítimas. Homens sem escrúpulos e sem coração praticam essas injustiças, mas o maior culpado de tudo isso é o governo, que traiu o povo, porque tendo prometido melhorar a vida dos pobres, só têm feito piorá-la.

Saudação

O Comitê Antifascista de Mulheres Soviéticas enviou às mulheres brasileiras, por intermédio de «Momento Feminino», a seguinte saudação por motivo do 8 de março:

«Queridas amigas:

Nós as felicitamos por ocasião do 8 de março, Jornada Internacional da Mulher. Desejamos-lhes novos êxitos em seu nobre trabalho pela paz, a democracia e a felicidade das crianças.»

Comitê Antifascista de Mulheres Soviéticas.

EXPEDIENTE

Diretora

ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração:
Rua Evaristo da Veiga, 16 Sala 808

— RIO —

FESTIVAMENTE COMEMORADO O 8 DE MARÇO

Em todo o país, as mulheres brasileiras comemoraram a passagem do Dia Internacional da Mulher. Através de festas, palestras, atos públicos, manifestações diversas, foi assinalado o 8 de março deste ano como uma etapa importante na luta pela aspiração comum de todas as mulheres do mundo.

MOMENTO FEMININO apresenta um resumo do que foram essas comemorações, através das notícias que nos mandaram nossas representantes:

BAHIA — Foram realizadas palestras, promovidas pela Associação Feminina da Bahia nos bairros de S. Caetano, Uruguai e Alto das Pombas. Cinco mil votantes foram distribuídos e faixas comemorativas, colocadas na capital. A Rádio Sociedade da Bahia irradia uma palestra. No dia rante grande assistência e na de março, na Associação dos Empregados no Comercio, presença de um deputado estadual, realizou-se o ato de encerramento das festividades.

Participaram da mesa as srs. Clara Gorender, srta. Consuelo Dantas, sra. Sofia Macedo, sra. Maria Reis Brandão, campeã bahiana na coleta de assinaturas por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potencias e o deputado Jatobá.

/—/

PERNAMBUCO — De 2 a 8 de março, a Associação de Mulheres de Pernambuco, realizou uma serie de palestras festivas nos bairros, no decorrer das quais se abordaram temas referentes às lutas femininas pela Paz e contra o alto custo de vida.

No dia 8, a jornalista Alda Toribio realizou uma palestra na sede da A.M.P.

/—/

DISTRITO FEDERAL — EM varios bairros da Capital, foram realizadas festinhas e palestras em homenagem ao 8 de março. Essa data foi comemorada especialmente como uma intensificação dos trabalhos de coleta de assinaturas pela Paz.

OFICINA ELETRO-MECÂNICA

DARWIN DA SILVA REIS

Rádias, Geladeiras, Enceradeiras, Bombas-Hidráulicas, Ferros, Chuveiros, Fogareiros, Aquecedores Elétricos, Fogões e Gás, Etc.

FONE 42-0954

Vida de Momento Feminino

Correio Feminino

Carta de nossa amiga Natalla Canals, residente em SANTA MARIA (Rio Grande do Sul), datada de 18 de janeiro de 1952:

«...Antes de terminar quero dizer as amigas que as nossas contribuintes com estes ultimos numeros tem ficado satisfeitas, pelas modas e reportagens que são de interesse delas...»

Carta de nossa representante Zilma Silva, residente em FORTALEZA (Ceará), datada de 14 de janeiro de 1952:

«...Este numero que veio como revista, está tendo grande repercussão pois ninguém se escusa de comprá-lo, verificando que não suja as mãos, nem o vestido, tornando-se assim um complemento para um passeio... Queria também adiantar à direção deste jornal, que a página de figurinos está sendo bem aceitavel, principalmente neste ultimo número, pois que geralmente os nortistas gostam mais de modelos de babados e roupinhas infantis...»

Carta de nossa representante em Maceió (Estado de Alagoas), de 6 de fevereiro de 1952:

«...Cara amiga, a nossa opinião sobre nosso jornal:

1) — Sua capa tipo revista, na cor azul claro, é uma maravilha — assim dizem todos que o compravam.

2) — Sua secção: E A VIDA CONTINUA SEMPRE MAIS CARA — deve ser mais ampliada, e sempre com os dados sobre os preços dos gêneros alimentícios; e dados sobre os grandes lucros das grandes indústrias. (Porque é um assunto sentido em todas as camadas).

3) — Neste N. 89 está bem interessante uma página de centro dedicada à causa da Paz. Porque a Paz defenderemos até com o sacrificio de nossa própria existência».

SANTIAGO — (Rio Grande do Sul) — Carta de 12 de março de 1952, de nossa representante:

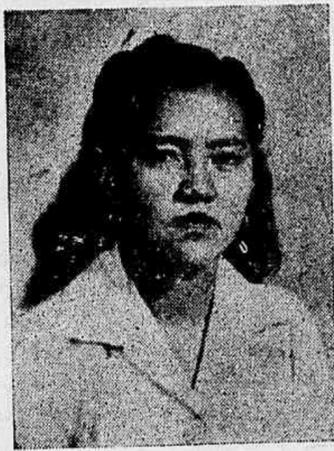
«...Tenho o prazer de avisar-vos que vêm bem as revistas e que tem boa aceitação. Acho que breve aumentarei os números. Junto remeto o dinheiro para pagar os números que vieram e o Sorteio de Natal. O restante é para ajudar a revista; é o que pude conseguir...»

«...A página de figurino está sendo bem admirada; várias de nossas leitoras tem-se utilizado bem de nossos modelinhos. Não seria interessante ampliá-la?...

Um leitor procura o nosso jornal para levá-lo para sua esposa. Diz ele que a página de culinária interessa muito à sua esposa pois tem gostado muito dos quitutes indicados pelo mesmo. — Uma coisa tenho observado bem: quando entrego o jornal, a maioria das mulheres aqui, procuram ver a página de figurino.»



Dirce da Silveira Testa — Representante de MOMENTO FEMININO em Rio Verde — Estado de Goiás, onde vende 40 exemplares. A seu lado, a sra. Jovita Souza, que colheu 160 assinaturas pela paz, em um dia.



Maria Ferreira de Araújo, secretária da União Feminina de Sítios Novos, Ceará



Carlos Guedes Vieira, é o nosso representante em Mogi das Cruzes (S. Paulo). Vende 25 exemplares de Mom. Feminino e está sempre quitês. É um ótimo representante.

AUMENTARAM SUAS COTAS

		Exs.
Rio Grande do Sul	— URUGUAIANA Deusina Goular	mais 40
Rio Grande do Norte	— MOSSORÓ Maria Ferreira Massiel	mais 30
Rio de Janeiro	— MACAÉ Silda Vasconcelos Aguiar	mais 40
São Paulo	— AMERICANA Maria Pironate	mais 5
« «	— BARRETOS Maria Alves Lima	mais 30
« «	— FRIGORIFICO Sebastiana Freitas Silva	mais 15
« «	— JUNDIAÍ Izabel Tasca	menos 10
« «	— MOGI DAS CRUZES Carlos Guedes Vieira	mais 25
« «	— RIO CLARO Ana Almeida Rosa	mais 20
		Total de aumento 185

NOVOS REPRESENTANTES

		Exs.
Maranhão	— SAO LUIS Myra Moreira Lima	mais 30
Rio Grande do Sul	— GETULIO VARGAS Jacob Cammev	mais 6
		Total para mais 36

DIMINUIRAM SUAS COTAS

		Exs.
Minas Gerais	— NOVA LIIMA Gerolivia Santos	menos 10
« «	— PORTO NOVO Edith Martins	menos 15
Rio Grande do Sul	— RIO GRANDE Talitha Avelino	menos 100
São Paulo	— BATATAIS Jandira Teixeira	menos 20
		Total a menos 145

SUSPENDERAM SUAS COTAS

		Exs.
Alagoas	— MACEIÓ Maira Augusta N. Miranda	120
São Paulo	— ANTINÓPOLIS Nelia Brondi	20
« «	— ARARAQUARA (Merita Moura da Cunha)	50
		Total a menos 190



Associadas da União Feminina de Rio Verde, Goiás

N O S S O S G A R O T O S



Maria da Conceição, com 4 anos, do D. F., mostra-nos sua «bahiana»



Carmen Santa, filhinha de d. Eugenia Ferreira, nossa representante em Campos



Ilma, com 4 anos, filhinha de amigos do D. F., numa linda fantasia de odalisca



Luiz Carlos, sobrinho de d. Maria Cunha, da Fábrica de Tecidos de Campos



Chucre Suaid, de 5 anos, filhinho de d. Mercedes Suaid, de 5 anos, amigas de Uberlândia



Telma Lucia Suaid, filha de d. Malvina Suaid e do sr. Salin Suaid, amigas de Uberlândia



Sheila Lenine de P. Rezende, com 9 anos, filhinha de amigos de Uberlândia. Sheila colheu 195 assinaturas pela paz.



Luiz Carlos, filhinho do sr. Milton Gomes de Amorim, de Campo Grande, D. F.

NOTAS SOCIAIS

NASCIMENTOS:

O casal Dezinha Magalhães e Afonso Magalhães, grandes admiradores de MOMENTO FEMININO, tiveram seu lar enriquecido com o nascimento de uma linda garota a quem deram o nome de Valéria. Estes amigos residem em Fortaleza (Ceará).

ANIVERSARIOS

19 DE FEVEREIRO — Competou 9 anos a menina Maria Chirles Moura filhinha de Rocida Moura, sócia da União Feminina de Sítios Novos, Fortaleza, (Ceará).

21 DE FEVEREIRO — Aniversariou a jovem Carmelita Feitoza, destemida lutadora da causa da Paz e ajudante tenaz de nosso jornal em Vila Brasil — Fortaleza (Ceará). Ela sózinha coletou 2.600 assinaturas por Um Pacto de Paz.

7 DE MARÇO — Aniversariou a senhora Maria Albertina dos Santos, destacada sócia da Federação de Mulheres do Ceará.

14 DE MARÇO — Completou 57 anos o nosso representante em Mogi das Cruzes (São Paulo), Carlos Guedes Vieira.

DIA 9 DE FEVEREIRO — Completou 9 anos a gentil menina Mercia, filhinha de nossa representante em Avanhandava, Estado de São Paulo, dona Aparecida Sena. — 13 DE FEVEREIRO — Aniversariou nesta data a amiga Aparecida Sena, nossa representante em Avanhandava, Estado de São Paulo. As aniversariantes, nossas felicitações.

18 DE MARÇO — Nelson Lucilas, filhinho, de dona Maria Lucilia, residente em Santo André — Estado de São Paulo.

4 DE ABRIL — Vanda Lucilia, filhinha de dona Maria Lucilia, residente em Santo André.

12 DE ABRIL — Dona Maria Lucilia, amiga e colaboradora de «Momento Feminino», em Santo André.

22 DE MAIO — Vanderlei Ceccato Pessuto, gracioso menino, filho de nossa amiga Ana Pessuto, de Santo André, Estado de São Paulo.

2 DE MARÇO — Completou 4 anos o interessante garoto Mauricio Renaldin, filho de nossa amiga e colaboradora Clara Renaldin, residente em Santo André.

Sinfonia Amazonica

Yolandino Maia

ANELIO LATINI FILHO nascido em Friburgo, Estado do Rio é um artista incansável. Fez histórias em quadrinhos (1934) ainda de calças curtas. Depois desenhou para o Suplemento Juvenil, O Conde de Monte Cristo. Os 3 Mosqueteiros, Caramurú, Rataplan e outras histórias em quadrinhos.

Seu grande sonho irá tornar-se realidade. Acaba de concluir, depois de muita luta e dificuldades a sua «SINFONIA AMAZONICA». Seria longo desenvolver o período do menino que desenhava histó-



CAAPORA

rias em quadrinhos até ao artista que realizou o primeiro desenho animado de longa metragem na América do Sul.

A história que será contada na tela pelo primeiro desenho animado de longa metragem feito na América do Sul, é uma reunião das principais e mais belas lendas da planície amazônica, que veremos muito em breve nos cinemas de todo o Brasil.

SINFONIA AMAZONICA

No princípio não havia noite. Na terra tudo era luz, paz, amor...

A noite estava adormecida no fundo das águas silenciosas do Palácio Aquático da Cobra-Grande.

A filha da Cobra-Grande casara-se com um moço, o filho do Sol.

Um dia ela pediu a seu esposo que mandasse buscar com a Cobra-Grande a Noite que estava fechada num caroço de tucumã.

O senhor da luz tinha três servos, e ordenou-lhes que fossem ao Palácio Aquático pedir à Cobra Grande um caroço de tucumã.

Partiram os fâmulos para o misterioso Palácio, seguindo pela estrada líquida do Igarapé. Chegaram ao Palácio sombrio e medonho envolto em mistérios, onde Boi-Un aguardava a Noite.

Ela aparece fantasmagoricamente e apavorante diante dos trêmulos barqueiros e lhes entrega a semente esfingética onde se encerrava o mistério das trevas.

Voltaram os fâmulos conduzindo a semente; mas começaram a ouvir um barulho esquisito que vinha do tucumã. Olharam-se espantados e interrogativos. A tentação é grande. Por fim juntaram-se dentro da barraca de canoa e abriram a semente proibida.

Instantaneamente, tudo escureceu. A noite tinha surgido. As caixas amorfas que se achavam espalhadas pela selva, se transformaram em animais. Os manqueiros transformaram-se em macacos, a canoa em pato selvagem, um tronco velho de árvore que boiava metarfosseiasse em jacaré, um caniço na margem, em flamingo. As corujas tomam formas definidas. Das árvores saem morcegos e murucututús.

Tudo serenou.

No céu aparecem as primeiras estrelas.

Pirilampos esvoaçam.

De trás, da floresta a lua (Jacy) começa a surgir e deixa-se refletir no espelho polido das águas.

A lua chora.

Seu pranto, depositando-se nas águas serenas do igarapé cresceu, rompeu e coreu pela planície, icamiabas amazonas.

Vem a aurora.

CURUMI é convidado pelo BÓTO, seu cicerone, para um passeio pelo grande rio que acabava de nascer. Na viagem encontra-se com CURUPIRA e com o CAAPORA.

Mais adiante, aproxima-se do Japú que passa a contar para o menino sua triste e movimentada história.

«O Japú antes de ser passaro, era guerreiro de uma valente tribo.

Um dia o pagé reunindo os índios anuncia que o bravo guerreiro Japú, irá buscar fogo que está guardado no céu. Japú espera tempestade. Esta desaba sobre o Amazonas. Raios riscam os espaços. Os guerreiros numa ponta de pedra escarpada e atira-se no

espaço. Depois de muito lutar, consegue pegar um raio, porém queima o rosto.

O guerreiro volta e dá o fogo aos índios e foge envergonhado, tristonho, para a floresta.

Tupã teve pena dele e transformou-o em pássaro.

Continuando CURUMI ouve um solo de flauta. É o Jaboti.

CURUMI aproxima-se e pergunta onde foi que éle arranhou aquela flauta. O Jaboti passa a narrar sua história:

«Ela ia caminhando pela floresta, e estava com fome, quando viu o compadre macaco numa árvore, comendo deliciosos frutos.

Jaboti pede ao compadre para ajudá-lo a subir na árvore, que em troca lhe daria uma pele de onça. O macaco aceita a proposta, põe o Jaboti na árvore e vai tirar uma soneca.

Em dado momento, aparece a Onça, faminta, e pede ao Jaboti um fruto. Este, então, vendo chegada a sua oportunidade diz para a Onça, que abra a boca e feche os olhos. A pintada obedece. Coitada!

O Jaboti sem perder tempo pula no focinho da Onça que cai morta.

Jaboti acorda o compadre macaco e lhe faz entrega da pele, dizendo que, da pintada só queria a canela para fazer uma flauta.

Cumuri e Cicerone encontram depois com Yara.

Escondem-se por trás de uns arbustos e ficam contemplan-



FILHA DA COBRA GRANDE

do a bela figura da Yara que baila ao luar.

A lua vai alta no céu. Cumuri adormece na flor da Vitória Régia, e tem um horrível pesadelo.

O Jurupari aparece. Olhos enormes e medonhos avançam da escuridão. Árvores fantásticas transformadas em figuras tenebrosas tentam agarrar o menino que foge apavorado. Ventos, trovoadas, raios, açoitam a floresta.

Vem a bonança. Curumi acorda assustado.

A Cobra-Grande surge de dentro do rio e vai subindo, transformando-se na Serpente das Sete Cores (O Arco Iris), arco triunfal sobre o beleza da paisagem do Rio Amazonas.



BOTO, cicerone do CURUMI

MOMENTO FEMININO